

Homenagem a uma pintora (*Homenagem tardia - 26.11.1999*)

José de Alencar de Ávila Carvalho (do I.H.G.)

O mundo corria lento naquela quadra de tempo. 1935... acho; eu teria então 10 anos. Nos rádios, muito ruins, as democracias eram atacadas por Hitler, Mussolini, Franco e... Getúlio Vargas, como no seu discurso a bordo do couraçado Minas Gerais... aí pelos pródromos da Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1º de setembro de 1939. Eram, enfim, turbulências da atmosfera política internacional. O sangue ainda não começara a correr!... O negro Arlindo Lúcio da Silva, natural de São Miguel do Cajuru, só iria morrer como “*brasilianisher Held*”¹ no fim da Guerra na Itália.

Em 1935, “*environs*”², u’a menina de famílias abastadas e antigas matriculou-se no Colégio Nossa Senhora das Dores, das Vicentinas ou Damas da Caridade de França. Nesse colégio havia excelentes professoras européias, como Mère Appoline van de Brulle, Mère Cecília Jardim, Mère Antoinette Costa, Mère Celina Costa, Mère Madalena Pinho, Mère Luíza, Mère Gabriela, Mère Lúcia Dias³, além do corpo brasileiro também escolhido, como acima se indicou. A professora francesa que mais se destacou na formação de **Apparecida de Ávila Carvalho** foi Mère Appoline. Ela sentiu logo, na menina do Cajuru, 13 anos, a neta de artista plural, pesquisador de ciências e de fenômenos obscuros, *dês* as formigas até a espiritualidade da alma não obstaculada pelo corpo: sim, *Jon Antonho*, dizia padre Miguel Afonso de Andrade, na... “*Tapera*”, antiga fazenda do *Zé Ferrêra*, lá pelos idos de 1937: “*Anima est tota in toto et tota in qualibet parte*”... “*corporis*”⁴, menos nas partes mortas ou excrementais”. Vejam como era valorizada a educação e como o injuriado padre Miguel sabia seu Tomás de Aquino na ponta da língua. A alma é o universo vivo e livre... é o pensamento de Deus escondido na rudeza dos corpos humanos. Sim, as conversas prosseguiram entre João Antônio, o nosso *Janjão*, e Agenor d’Ávila, gênio total na música e na meditação filosófica penosa de Farges e Barbedette! Ele sabia francês... sem haver tido mestre regular. Assim com o seu violino, assim compondo “*Saudade da Minha Noiva*” ao violão e sendo transcrito pelo então Major Buís, esse um mestre do violino, ali na rua da Forca, à entrada do Ginásio, e mais acima o gênio negro Jaffet da Conceição!

A educação, formal ou não, estava por toda parte; era a cultura barroca *in fondo*, esperando seu tempo de se tornar debate, como agora, quanto a uma filosofia já “expressa...” dolorosamente por Antônio Gaio Sobrinho no I.H.G. de São João d’El-Rey, presidido por José Antônio d’Ávila Sacramento... no seu entusiasmo de jovem de boas e fundas raízes.

Claro então, amigo leitor, e cara tia *Parecida*, que a menina do Cajuru iria ser logo descoberta quanto às artes plásticas pelas competentes e abnegadas Mestras de França.

¹ Em alemão: “*Herói brasileiro*”, referência ao pracinha do 11RI Expedicionário, nascido no antigo distrito de São Miguel do Cajuru, encontrado morto em Montese (Itália) junto com mais dois companheiros, sob uma cruz, com a inscrição: “*Drei brasilianische helden*”.

² “*Mais ou menos*”, em francês.

³ Mère (do francês), significa “mãe”, expressão que usualmente antecedia o nome das freiras.

⁴ Do latim para o português: “*A alma está toda num todo e toda em qualquer parte*”... “*do corpo*...”

O ensino não foi improvisado: veio do desenho sobre papel, com lápis comum ou de ponta dura. Foi o conhecimento dos materiais. Uso de esfuminho, *crayons* de variados coloridos; giz sobre papel... *crépon* e finalmente a tela a óleo! Vejam como era o ambiente intelectual e como se aprendia com método, de 1935... a 1936, ou mais: de 35 a 37. Pois bem, aqui a aluna de 15/16 anos pintou como uma mestra um quadro alto, retangular, com um **pavão** atravessando a cauda em diagonal. Antes havia a aluna desenhado vários assuntos a *pastel*, criança brincando com sua bola, paisagem lacustre... Nada demais, portanto, que ela, fiscalizada pela Mestra Francesa, desse conta de pintar o mundo de olhos coloridos e brilhantes da cauda do referido pavão. Requeria-se pincelada especial e avançado conhecimento das tintas na paleta. Foi uma admiração geral! O quadro ficou exposto na grande vitrine da então Casa Assis, de Antônio de Assis Sobrinho, nos “Quatro Cantos”. Parabéns à mestra francesa e à sua aluna, inteligente e bonita, orgulho dos pais e principalmente de *sô Jon Antonio*, charlatão no bom sentido antigo, escultor, desenhista, cantor, marcador de quadrilhas e mestre de dança da neta, como o padre Torga o fora da filha dele, Ana, mãe de Aparecida: *Nhozinho*, aqui o escriba, *não há ninguém no Cajiru que dance como a ‘Parecida. Oh, meu Deus; que leveza, e em tudo schotisch, mazurka, samba, valsa, tango e... quadrilha francesa!*

Aí, *tia ‘Parecida*, velhos e bolorentos orgulhos de família, inveja e futrica puseram pelo menos uma carreira de pintora por terra. Paralisados os estudos, veio família, doenças e sofrimentos fundos. João Antônio pegou uma estranha... hepatite que acabou levando-o ao túmulo: 07.XI.1940. Ele deixou a nós ambos transtornados, a você e a mim que bem o conhecíamos. Escreveu versinhos de despedida que *inda* agora me doem no coração:

“*Nhozinho, Adeus,
Se Deus quiser!
- O velho de muito amor,
que não vai te ver!*” (Faz. da “Tapera”)

Eu estava na 2ª série do Ginásio. *U’a* manhã corri atrás do frei Optato van Oorschof, ofm, e ele veio assistir a passagem de *Janjão* para o mundo da bondade e da beleza, do desapego total, da alma limpa, da gargalhada e dos versos irônicos:

*Na Rua de baixo
Não posso passar,
Tem uma velha careca
Que quer me pegar!*

*Nhô, eu te dou meu cavalo
Só porque não posso levar.
Se Deus abrisse as portas,
Eu ia tentar entrar!*

Entregou sua alma a Deus, calmamente *y si fué*; Bravos! *Bene vixit, ergo bene moruit*⁵. Houve, pois, um bom aprendizado de arte com o melhor que a França mandava para o *extérieur*, nestas Minas de Ouro, que ainda não desenterrou o melhor de seus tesouros

⁵ “*Bem viveu, portanto bem morreu*”.

porque estes às vezes jazem fundo no fundo dos corações calados pela aspereza dos tempos.

Esta é, portanto, *u'a* homenagem retardada, mas nunca sonegada. Agora a nossa fala se prende a complexas e longas indagações dirigidas à cultura barroca em suas raízes. Muitas vozes e forças agora se juntam para tentar deter o esquecimento, a frieza, o desinteresse. Nós chegaremos onde nossos avós não tiveram condição de chegar, não é? Ao homem das bengalas esculpidas, dos cuités trabalhados em cores, dos xaropes e das cápsulas, do almofariz e da sarjadeira, a ele, em meu nome, no seu:

*Salve, Janjão.
- Adeus? Isso não,
que pisa
e martiriza
nosso cansado coração.*

Do *Nhozinho*,
o Alencar d'Ávila, e sua
irmã.

- AdióS -



“Criança brincando com sua bola”
Quadro em pastel seco pintado por Aparecida Ávila